

## Coleta, Tecnologia Pós-Colheita e Utilização de Erva-de-bugre

*Collecting, Post-Harvesting Technology and Utilization of Erva-de-bugre*

OLANDA, Gabriela, B. Universidade Federal de Pelotas, email: [gabiolanda@hotmail.com](mailto:gabiolanda@hotmail.com); BEVILAQUA, Gilberto, A. P.; Embrapa Clima Temperado, email: [bevilaq@cpact.embrapa.br](mailto:bevilaq@cpact.embrapa.br).

### Resumo

A erva-de-bugre é uma planta nativa em quase todo o Brasil e com grande incidência no sul do Rio Grande do Sul, sendo amplamente utilizada na medicina popular, mas com poucas informações técnicas. Neste sentido, este trabalho tem como intuito descrever o processo de colheita, secagem e conservação do material visando à obtenção de extrato alcoólico para substituir a utilização da planta através da planta seca na forma de infusão. Esta fase é de suma importância, pois irá afetar de forma direta na qualidade do produto que futuramente passará por uma série de estudos. Pode-se concluir que a utilização de tinturas pode vir a substituir a utilização da planta seca na forma de infusão, sendo de fácil manejo e pode ser adotada por agricultores e interessados em utilizar a planta.

**Palavras-chave:** *Casearia sylvestris*, planta medicinal, fitoterapia, extrato alcoólico.

### Abstract

*The erva-de-bugre is a native plant in Brazil and almost all of which are prevalent in southern Rio Grande do Sul, is widely used in folk medicine but with little technical information. In this sense, this work has as objective to describe the process of collect, drying and storage of material to obtain the alcoholic extract to replace the use of the plant through the infusion. This phase is of paramount importance, since it will affect so directly the quality of the product which will become a series of studies. It can be concluded that the use of dyes may come to replace the use of the dry plant in the form of infusion, and the easy handling and can be adopted by farmers and stakeholders to use plan.*

**Key words:** *Casearia sylvestris*, medicinal plant, phytotherapy, alcoholic extract.

### Introdução

O Brasil abriga 55 mil espécies de plantas, aproximadamente um quarto de todas as espécies conhecidas. Destas, 10 mil podem ser medicinais, aromáticas e úteis, de acordo com o estudo denominado Contribuição Efetiva ou Potencial do PADCT para Aproveitamento Econômico Sustentável da Biodiversidade. Sabendo-se desta grande riqueza que o Brasil possui e que muitas destas plantas fazem parte da cultura de várias comunidades rurais aonde o conhecimento sobre as plantas medicinais vem sendo transmitido ao longo das gerações, é que se faz necessário um estudo mais aprofundado destas plantas, a fim de manter este patrimônio cultural. Entre tantas plantas nativas, resolveu-se trabalhar com a *Casearia sylvestris* pertencente à família Flacourtiaceae, que é uma planta ocorrente em quase todo o Brasil, inclusive no Rio Grande do Sul.

A planta possui o tronco tortuoso, com casca de coloração acinzentada a acastanhada. Suas folhas são alternas, simples, lanceoladas a elípticas e serrilhadas. Possui grande quantidade de flores, sendo essas, amareladas. Seu fruto é uma cápsula que quando madura encontra-se vermelhada, na qual há de 2 a 6 sementes envoltas num arilo lanoso, amarelo e comestível. Ela floresce nos meses de junho à outubro e frutifica de setembro a dezembro. Segundo Lorenzi e

## Resumos do VI CBA e II CLAA

Matos (2002) suas folhas e cascas são consideradas tônicas, depurativas, anti-reumáticas e antiinflamatórias; usada como abortiva para retirar a placenta no pós-parto de animais (SILVA et al., 1988), a casca é utilizada como anti-diarréica e também contra picada de cobras; o decocto da raiz é usado contra dores do peito e corpo (HIRSCHMANN e ARIAS, 1990).

Neste sentido, de forma a maximizar seu uso e preservar a agrobiodiversidade procura-se desenvolver métodos eficientes de coleta, secagem, armazenagem e obtenção de extrato alcoólico, visto que tais procedimentos são de suma importância na eficiência do produto final. Sendo assim, tais etapas devem ser realizadas de forma correta, pois no caso da coleta, observa-se que pode haver equívocos na identificação e ponto de coleta da planta, que deve coincidir com maior concentração de princípios ativos com máxima produção de matéria seca.

Para tanto, apesar da erva-de-bugre ser uma planta perene, se faz necessário o estabelecimento de métodos que visem obter um produto com qualidade através da conservação dela através da secagem, facilitando o manuseio e a comercialização, que pode ser uma alternativa de fonte de renda para produtores rurais. Do mesmo modo, observa-se que o uso de fitoterápicos pode tornar-se mais prático e acessível através da produção de tinturas. O manuseio e preparo de fitoterápicos pode resultar em produtos com grande variabilidade química, de acordo com a época do ano e a procedência do material coletado.

O objetivo do trabalho foi descrever os métodos utilizados para o manuseio da planta e verificar a praticidade da utilização de tinturas como possíveis substitutos da planta seca na forma de infusão.

### **Metodologia**

O trabalho foi conduzido na Estação Terras Baixas, da Embrapa Clima Temperado, em Pelotas, RS. Parte do trabalho a campo e parte no Laboratório de Bromatologia. Na Estação da Embrapa localiza-se uma área de preservação permanente (APP) que conta com razoável ocorrência de erva-de-bugre, além de outras planta medicinais.

Para facilitar o entendimento do método estabelecido, ele será dividido em quatro etapas.

Coleta: a mesma foi feita em três diferentes locais na região sul do Rio Grande do Sul, sendo uma delas localizada na Embrapa Clima Temperado, Estação Terras Baixas, assim como em três diferentes estações do ano, primavera no dia 02 de novembro de 2007, verão no dia 02 de fevereiro de 2008 e no outono no dia 19 de maio de 2008, observando a fenologia da planta. Foram coletadas cascas e folhas separadamente de aproximadamente 15 plantas em cada local, para se obter um material representativo desses diferentes ambientes. Para tanto, a coleta das folhas deu-se através da escolha das folhas mais verdes e no estágio de maturidade. A coleta da casca se deu com o auxílio de uma faca, tendo-se o cuidado de raspar previamente a parte externa da casca, a fim de obter um produto razoavelmente limpo. Para não prejudicar a planta, não se retirou toda a casca ao redor do tronco.

Secagem: o material coletado foi colocado em bandejas plásticas devidamente identificadas, que foram em seguida para a casa de vegetação, onde ficaram em média por uma semana protegidos do sol e da umidade. Ao atingirem o ponto ótimo de secagem (em média uma semana), as cascas e as folhas secas, foram então armazenadas. Esta fase é de suma importância para a qualidade final do produto, visto que pode afetar de forma significativa a sua durabilidade, como por exemplo, pelo mofamento em função de uma secagem insuficiente.

Armazenamento: procedeu-se a armazenagem dos materiais, os quais foram colocados em sacos de papel pardo identificados, e em seguida foram inseridos em sacos de plástico preto

## Resumos do VI CBA e II CLAA

devidamente fechados, obtendo-se assim, tanto uma proteção contra a luz como também contra a umidade. Com o material devidamente embalado, colocou-se o mesmo em um armário localizado em um laboratório, onde o ambiente é escuro, seco e arejado, estando assim, o material disponível para ser utilizado na produção das tinturas.

Elaboração e armazenagem das tinturas: do material seco e embalado que estava armazenado, tanto casca quanto folhas, retirou-se uma quantidade de 50g de cada amostra individual. Em seguida, cada amostra individual, foi cortada em pequenos fragmentos com o auxílio de uma tesoura e colocada em vidro âmbar onde foi acrescentado 500mL de álcool cereal ou farmacêutico na concentração de 70%. Após a identificação dos frascos, os mesmos foram colocados em armário escuro em local seco e arejado e procedeu-se a agitação diária dos mesmos durante duas semanas a deles até o momento da filtragem. A filtragem foi feita com o auxílio de um filtro a vácuo, que separa o material sólido, no caso cascas e folhas, do álcool. O extrato alcoólico obtido foi transferido para um novo frasco escuro, devidamente identificado, com a ajuda de um funil, novamente tampado e armazenado em armário, em local escuro, arejado e fresco.

### Resultados e discussões

Foi observada grande variabilidade da planta tanto morfológica quanto fenológica entre os três locais de coleta da planta, conforme descritores apresentados por Longhi (1995), inclusive em cada local coletado o fato demonstra existirem populações da planta possivelmente com atividade fitoterápica diferenciada. A variabilidade pode ser observada pelo porte da planta, coloração da folha, época de floração e frutificação, entre outras características.



FIGURA 1. Aspecto do ramo de erva-de-bugre. Embrapa Clima Temperado, Pelotas, 2007.

O método o qual foi utilizado neste trabalho demonstrou-se bastante prático, tornando-se uma alternativa bastante acessível agricultores e outros interessados. Durante a coleta o processo fez-se de forma dinâmica, onde houve a troca de experiências para a identificação da espécie inclusive com agricultores, que em seguida foi coletada a partir de princípios básicos como o local e horários corretos.

A secagem também foi eficiente, onde na casa de vegetação se evitou o contato com o sol e com a umidade, sendo que houve circulação de ar através de janelas, evidenciando-se bastante eficaz.

Quanto ao armazenamento, percebeu-se que também foi satisfatório, pois a qualidade do material se manteve excelente, visto que ele ficou sem umidade em função do saco preto de plástico que também auxiliou contra a ação da luz, a qual foi beneficiada devido o papel pardo e pelo armário que permitiu em seu interior um ambiente escuro e arejado.

Neste mesmo sentido, tanto o preparo quanto a armazenagem das tinturas foram exitosos, pois os cuidados no manuseio de formulação e higiene foram devidamente realizados, assim como a

## Resumos do VI CBA e II CLAA

utilização de frascos escuros e local arejado para a armazenagem.

A utilização da tintura pode resultar em economia de material a ser utilizado, pois com pequena quantidade da planta pode ser preparada grande quantidade de material, contribuindo na conservação de germoplasma em casos de plantas não cultivadas. De forma análoga, evita-se a variabilidade genética proveniente de materiais colhidos em diversas áreas e que podem apresentar composição química diferenciada, conforme observado por Bevilaqua et al., (2001), em chapéu-de-couro.

Para tanto, pretende-se em um segundo momento, dar-se continuidade ao trabalho, onde se fará vários testes com as tinturas preparadas a partir do material obtidos verificando a eficácia da planta em relação a procedência e época do ano. Pesquisas mais aprofundadas também deverão ser efetuadas para verificar a eficácia da utilização da tintura frente ao preparo da planta através de infusão, bem como quanto ao potencial de conservação da tintura. Supõe-se que o período de conservação da tintura possa ser superior ao da planta seca armazenada em recipiente não hermético.

### Conclusão

Pode-se concluir que a utilização de tintura obtida da planta verde ou seca pode vir a substituir a utilização da planta na forma de infusão, sendo de fácil manejo e pode ser adotada por agricultores e interessados em utilizar a planta. A utilização da tintura reduz a quantidade de plantas necessária para a utilização em iniciativas que fazem uso da fitoterapia.

### Referências

BEVILAQUA, G.A.P. et al. Distribuição geográfica e composição química de genótipos de chapéu-de-couro (*Echinodorus* spp.) no Rio Grande do Sul. *Ciência Rural*, Santa Maria, v. 31, n. 2, p. 213-218, 2001.

HIRSCHMANN, G.S.; ARIAS, A.R. A survey of medicinal plants of Minas Gerais, Brazil. *Journal Ethnopharmacology*, Limerick, v. 29, p. 159-172, 1990.

LONGHI, R.A. *Livro das árvores: árvores e arvoretas do sul*. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 1995, 176 p.

LORENZI, H.; MATOS, A.J.F. *Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas*. São Paulo: Plantarum, 2002, 500 p.

SILVA, F.A. et al. Estudos farmacológicos preliminares dos extratos da *Casearia sylvestris* Swartz. *Acta Amazônica*, Manaus, v. 18, n. 1\2, 1988. (Suplemento)